



Édipo zorro

Oedipus the Fox

Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

tereza.virginia.ribeiro.barbosa@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-8449-0411>

Resumo: O artigo se dedica a recortar trechos da peça *Οιδίππου τύρρανος*, de Sófocles, aqui traduzida como *Édipo zorro*, e traduzi-los. O *leitmotiv* que dirige a seleção é o enfrentamento de Édipo, é de difícil tradução. Sófocles explora a potência dos sentidos lexicais e sintáticos da língua grega ao máximo, a começar pelo título que chegou até nós para a peça – que daria um tratado – se o focalizarmos apenas com o adjetivo (que não é adjetivo, mas substantivo utilizado como adjetivo) *τύρρανος*. A tradução *Édipo Rei* é neutralizante; a tradução *Édipo Tirano* é tendenciosa, capciosa e política demais para um termo que poderia ser traduzido de outras formas, entre as quais a que escolhemos. Por sua vez, o nome próprio Édipo, etimologicamente, suscita variações incríveis e pertinentes se optamos por traduzi-lo. O artigo não pretende discutir filologia nem literatura a fundo, vamos apenas, com uma proposta de tradução, mostrar a pertinência do Édipo para o Brasil em pandemia.

Palavras-chave: tragédia; governança; responsabilidade; peste; tradução.

Abstract: The article aims at selecting excerpts from Sophocles' play *Oedipus Tyrannus*, starred here as *Oedipus the fox*, and translating them. The leitmotiv that directs the selection is the confrontation of the plague by the ruler. As it is well known, the Sophoclean text, and particularly that which refers to the drama of Oedipus, is difficult to translate. Sophocles uses the power of the lexical and syntactic meanings of the Greek language to the maximum, starting with the title that came to us for the play - which would give a treatise - if we focus on it only with the adjective (which is not an adjective, but a noun used as an adjective) *τύρρανος*. The *Oedipus king* translation is

neutralizing; the *Oedipus tyrant* translation is too biased, too captious, and too political for a term that could be translated in other ways such as the one we chose. In turn, the word Oedipus, etymologically, gives rise to incredible and pertinent variations if we choose to translate it. The article does not intend to discuss philology nor literature in depth, I will just go with a translation proposal to show the relevance of *Oedipus* for Brazil in a pandemic.

Keywords: tragedy; governance; responsibility; plague; translation.

Às vítimas da Covid-19

Começo por explicar o título do artigo e meu escopo. A primeira opção que me ocorreu – conjugando intenção e meta – foi *Édipo Bastardo*. O corretor ortográfico me informou, no entanto, que a palavra *bastard*, utilizada para Édipo, poderia ser ofensiva sobretudo como portada de leitura.

Precavida, fui buscar termos mais polidos, menos abusivos. Regia-me por um verso da peça, o 780, e queria reforçar a problemática da provável “impostura”¹ do rei de Tebas. Pretendia antecipar o sentido nodoso da obra: Édipo, filho legítimo do rei Laio e da rainha Jocasta, foi, pelos deuses, proibido de suceder o pai no trono. Um crime paterno impunha-lhe a morte – a antiga lei vigorava, os filhos pagarão os crimes dos pais. Por estratagemas de Jocasta, de um servo e de um rei, Pólipo de Corinto, alheio a tudo o que se passava oculto em Tebas, a vida do herdeiro de Laio foi preservada.

Anos mais tarde, por causa de um vitupério arremessado contra ele nas bebedeiras de um momento festivo, sem saber nada de sua origem, Édipo se põe, andarilho, pelo mundo. Com o pé na estrada, por ignorância, mata seu pai carnal e desposa a própria mãe. Casado, lança mão da coroa de Tebas, assume seu posto por direito através de vias tortas, sem

¹ No texto estarei operacionalizando todos os sentidos da palavra “impostura” arrolados no *Aulete Digital*, a saber: “impostura sf. 1. Ação enganosa concebida por um impostor; ARDIL; EMBUSTE 2. Característica do que é hipócrita; FALSIDADE; HIPOCRISIA [Antôn.: franqueza, sinceridade] 3. Presunção exagerada; VAIDADE [Antôn.: modéstia] 4. Bazófia, fanfarrice. 5. Pedaco de pano que se prende ao anzol como isca [F.: Do lat. *impostura*, -ae].

o saber. Vê-se que a presunção e o equívoco perseguem o protagonista, que, para a maioria dos conterrâneos e parte dos espectadores, se fez rei devido ao deciframento de um enigma aterrador proferido pela esfinge despótica de Tebas. Vencido antes pelos ataques de um embriagado, Édipo, o sobrevivente foragido, na astúcia com as palavras foi vencedor embora não fosse assim tão conhecedor dos mistérios da vida como se poderia imaginar.

Aclamado rei, após um breve período de governo bem-sucedido, foi-lhe imperioso enfrentar uma peste inesperada e incontrolável. Que medidas tomou o soberano para vencê-la? Como resolveu seus problemas de governabilidade?

Veremos nos trechos traduzidos. Por ora, voltemos ao verso 780, moção de nossa escrita. Ele faz menção à questão da legitimidade de um execrado pelos deuses. A averiguação da impropriedade para o cargo, imputada a Édipo, perpassa a peça e sustenta a pergunta: é preceito tomar os deuses como referência quando há suspeição acerca da existência dos deuses?

Para criar um nó ainda mais apertado – desses que não se dissolve no plano humano, pois não há comprovação a favor nem contra a existência dos deuses – Sófocles torce o fio narrativo e cria um enredo sob a forma de “nó corredio”: amarra as cenas, personagens, palavras ditas, sugeridas e emudecidas que devem, à medida que a força e o ritmo dos atos praticados forem exercidas sobre elas, paulatinamente, se exhibir firmes e claras. Qualquer movimento realizado aperta o nó, podendo cortar a circulação da ação. Assim se configura não apenas a hipótese da inexistência divina como também se estreita a corrediça captura do “homem humano”. O indivíduo encarnado por Édipo Zorro pensa que se conhece e se surpreende ao conhecer-se. Objetivamente: o homem existe ou é o que ele pensa que é? Se é o que pensa que é, ele não existe (ou existe apenas na sua subjetividade, na sua exclusividade, no seu limite interno imaginário), pois o conhecimento pleno de si é quase tão inacessível quanto o conhecimento dos deuses. Dependente de suas emoções, biruta ao vento, ele é matéria plástica nas mãos de si mesmo.

Mas o verso 780 marca a indignação exagerada do protagonista diante da fala de um bêbado “sem noção” que mirou no que viu e acertou o que não viu. A esse respeito, o ambíguo herói dirá, ressentido: καλεῖ με πλαστόν, “chamou-me πλαστόν”, ou melhor, “tachou-me de ser,

por parte de pai, um πλαστόν”.² A percepção hipersensível do ataque, recebido de modo desproporcional e hábil a afetar o destinatário para além do razoável, considerando-se tratar-se de um motejo banal, pode ser vista como uma autêntica impostura dramática: a palavra-tecido-isca de um desconhecido vinhaça se prendeu ao anzol, como trapaça, e atraiu a presa, que depois será capturada por seus tormentos internos. De fato, o léxico desencadeia desdobramentos incontidos.

A tradução do vocábulo – como, inclusive, de toda a peça, se a tivéssemos traduzido inteira – permite que associemos o estudo da tragédia à reflexão de Silvina Rodrigues Lopes ao tratar do estatuto da ficção para a literatura. Aplico e cito um trecho da estudiosa para o drama sofocliano: por meio de uma palavra “onde se chega é à suspensão do significado, o que não é sequer a polissemia mas o movimento de disseminação pelo qual o sentido emerge como múltiplo, irreduzível ao Um ou ao plural.” (LOPES, 2003, p. 166)

Como se sabe, a peça em foco é conhecida como *Édipo Rei*, *Οιδίπους τύρρανος*, *Édipo Tirano*, ou, simplesmente, *Édipo*. Τύρρανος, como πλαστός, é termo que encarna a categoria de substantivo e adjetivo e que tem seu correspondente verbal. A nomeação atribui ao protagonista da peça, Édipo – “o que tem pés inchados”, “o que tem base de sustentação deformada” ou “o que tem problemas para enxergar ou compreender” –, a qualidade substantiva de ser τύρρανος:

² Πλαστός, no grego, é adjetivo que significa “moldado”, “plasmado”, “forjado”. Arelado ao substantivo “filho”, gera o significado de “filho putativo”, “postiço”, “figurante de filho”, “formatado para filho” “prótese”. Escolhi traduzi-la por “zorro”. Pautei-me nos seguintes significados arrolados no Aulete Digital: “zorro1 (zor.ro) – [ô] sm. 1. O macho da raposa; RAPOSO 2. Bras. S Pessoa astuta, matreira. 3. Bras. S Aquele que é indolente, preguiçoso. 4. Lus. Criado velho. 5. Lus. *Filho natural ou bastardo*. 6. Lus. *Criança enjeitada pelos pais*. a. 7. Bras. S Astuto, matreiro. 8. Bras. S Indolente, preguiçoso. [F.: Do espn. zorro.] || zorro2 (zor.ro) [ô] sm. 1. *Movimento lento de quem ou do que anda de rastos* [F.: De zorra (6).] Andar a zorros 1 O mesmo que andar de zorro; *Andar de zorro 1 Andar de rastos; arrastar-se*. (Grifos meus) Recordo ainda que a mesma palavra integra o vocabulário castelhano difundido por toda a América Latina. Sua pronúncia é interessante para nosso contexto: zorro, a [‘θoro, a] (<https://www.wordreference.com/espt/zorro>). A pronúncia afetou igualmente os falantes do Rio Grande do Sul e criou em nosso vocabulário português brasileiro o termo “sorro”, segundo o Aulete Digital: “(sor.ro) [ô] a. sm. 1. RS O mesmo que zorro (‘astuto, matreiro’). Sorro manso. 1 RS Fig. Pessoa falsa, hipócrita, sonsa, dissimulada.”

τύραννος [ῥ], ὁ, also ἦ (v. infr. 1.2), A. an absolute ruler, unlimited by law or constitution, first in *h.Mart.* 5 (unless the hymn is late), where it is used of a god, Ἄρες, . . . ἀντιβίοισι τύραννε; so ὁ τῶν θεῶν τ., of Zeus, A. *Pr.*736, cf. Ar. *Nu.*564 (lyr.); ὃ τύραννε τᾶς ἐμᾶς φρενός, i.e. Apollo, S.*Tr.*217 (lyr.); “σὺ δ’ ὃ τύραννε θεῶν τε κἀνθρώπων Ἔρωσ” E. Fr.136; Μῆν Τύραννος, a Phrygian deity worshipped in Attica, IG22.1366.2 (i A. D.), al.; οὐ, τὴν τ. (perh. Hera), in an oath, Herod.5.77: first used of monarchs in the time of Archil. (cf. “τυραννίς” 1) acc. to Hippias 9 D.; “Φίττακον ἐστάσαντο τ.” Alc. 37 A; “ἦν μὴ τις ἦ τ. ἢ σκηπτουχος ἦ” Semon.7.69; “λαγέτας τ.” Pi.*P.*3.85; interchangeable with βασιλεύς in Isoc.2.4 (cf. 1), 35 (cf. 36);

Lendo o Liddell-Scott, nota-se a importância do significado “A” para a peça: “an absolute ruler, unlimited by law or constitution, first in *h.Mart.* 5 (unless the hymn is late), where it is used of a god”. Traduzindo para enfatizar a importância do dado: “um governante absoluto, com poderes ilimitados por lei ou constituição, com primeira ocorrência no hino [homérico] a Ares, verso 5 (exceto se o hino for tardio), onde é utilizado para um deus”.

Sabendo que não consta na peça que Édipo seja divino ou governe com poderes ilimitados (afinal o coro de anciãos tebanos, um sacerdote e, ainda, Tirésias e Creonte, de algum modo, limitam os atos do soberano), creio não ser demasiado afirmar que há uma ponta de ironia neste título. Continuemos, porém, com a análise do verbete:

later, chief, princeling, OGI 654.8 (Egypt, i B. C.); “τ. ἴδιοι καθ’ ἕκαστον ἐμπόριον” *Peripl.M.Rubr.*14: c. gen., “Κροῖσος . . . τ. ἔθνέων τῶν ἐντὸς Ἄλυσος” *Hdt.*1.6; Κλεισθένης ὁ Σικυῶνος τ., Ἰστιαῖος ὁ Μιλήτου τ., etc., *Id.*5.67, 7.10.γ, etc.; “ὁ τῶν Κυπρίων τ.” *Sor.*1.39; οἱ τ., of the Sicilian tyrants, *Th.*1.14; of the Pisistratidae, X. *HG*6.5.33, *Arist. Ath.*13.5, *Pol.*1275b36, cf. *Th.*6.54, *Pl. Smp.*182c; “τὸν τ. κτανέτην” *Scol.*9.3; οἱ τ. the monarchical party, “προδιδούς τοῖς τ. τὴμ πόλιν τὴν Ἐρυθραίων” *IG*12.10.32: freq. in a bad sense, “δημοφάγος τ.” *Thgn.*1181, cf. 823, *Hdt.*3.80, *Pl. Grg.*510b, *Plt.* 301c, *R.*569b, etc.; “ὕβρις φυντεύει τύραννον” S. *OT* 873 (lyr.).

Em sentido tardio, o termo τύραννος passa a ser lido como “chefe”, “jovem príncipe”; refere-se igualmente aos tiranos sicilianos, a festas principescas dadas pelos monarcas e assume, por fim, um sentido

negativo cujo exemplo é retirado precisamente do drama sofocliano, especificamente o verso 873: ὕβρις φυτεύει τύραννον! (“ufania aflora tirania!”). Continuemos no verbete do *Lexicon*:

2. in a wider sense, of members of the ruler’s family, οἱ τ. ‘the royal house’, Id.Tr.316, cf. *OC851*, Charito 1.2: ἡ τύραννος is used both of the queen herself and the king’s daughter, princess, E. *Hec.*809, *Med.* 42, 877, 1356, cf. *infr.* 11; πρέπει γὰρ ὡς τ. εισορᾶν, of Clytemnestra, S. *El.*664; “αὐτὴ . . . τ. ἡ Φρυγῶν” E. *Andr.*204.

Igualmente pertinente ao contexto da peça, a amplitude do vocábulo se estende a todos os membros da família reinante, sejam homens ou mulheres. Nesse sentido, aliás, o termo foi bastante usado pelos trágicos. Metaforicamente, se aplica à lei suprema, a uma força incontrolável, como, por exemplo, Eros e a deusa Persuasão e, em Aristóteles, à crista do *Regulus cristatus*.³

3. metaph., ἵνα Δίκη τ. ἢ that Justice may be supreme, *Critias* 25.6D.; “Ἔρωσ τ. ἀνδρῶν” E. *Hipp.*538 (lyr.); “Πειθῶ τὴν τ. ἀνθρώπους μόνην” Id. *Hec.*816.

4. golden-crested wren, *Regulus cristatus*, Arist.HA592b23; cf. “τροχίλος” 1.2.

Finalmente, o verbete se conclui com o uso adjetival do vocábulo.

II. τύραννος, ον, as Adj., kingly, royal, “τύραννα σκῆπτρα” A. *Pr.*761; “τ. σχῆμα” S.*Ant.*1169; τύραννα δρᾶν to act as a king, Id.*OT* 588; “ἡ τύραννος κόρη” E.*Med.*1125; τύραννον δῶμα the king’s palace, Id.*Hipp.*843 (lyr.), etc.; “τ. ἐστία” Id.*Andr.*3; τ.

³ Evidentemente, em textos dramáticos, a imagética é elemento agregador e não podemos desprezar um belo topete colorido para imaginar um Édipo tirano *fake*. Nesse caso, a nota é instrumento laboral para atores.

Regulus cristatus: *rēgūlus*, jovem príncipe, rei de um pequeno estado; *cristatus*, que tem crista, capacete com penacho. (FARIA, 1962). Nome comum “crista d’ouro”, ou, no nosso contexto, príncipe topetudo.

Imagem de John Gerrard Keulemans. Domínio público: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Regulus_regulus_1869.jpg



δόμος the royal house, Id.*Hel.*478, etc.; ἐς τύρανν' ἐγημάμην into the royal house, Id.Tr.474.

2. imperious, despotic, “τ. πόλις” Th.1.122, 124; “αἱ τ. φύσεις” Luc.*Ner.*2. (Loan-word, prob. from Phrygian or Lydian.)

A soma dos sentidos diversos nos traz à ideia um Édipo principesco, topetudo, imperial, despótico, resgatando a ironia prevista inicialmente: um sujeito de base inchada (pés mutilados, perfurados por ocasião da tentativa de extermínio no monte Citerão, o monte de Dioniso) e insegura, que se estabelece no poder, a despeito disso, arrogante e artemadamente (decifrando a arte de manipular as palavras proferidas pela esfinge), sem o consentimento divino. Na peça, os deuses nada fazem, aguardam as consequências da necidade humana que permanecem e crescem. Recorda-me o dito rosiano em *Tutaméia*: “Ativo, atilado em ações, néscio nos atos” (ROSA, 1976, p. 138). O conto “Se eu seria personagem” somente – conjugado ao mito de Édipo – daria uma tese. Cito um trecho mais extenso para degustação:

Note-se e medite-se. Para mim mesmo, sou anônimo; o mais fundo de meus pensamentos não entende minhas palavras; só sabemos de nós mesmos com muita confusão.

Titolívio Sérvulo, esse, devia ser meu amigo. Ativo, atilado em ações, néscio nos atos; réu de grandes dotes faladores. Cego como duas portas. (ROSA, 1976, p. 138)

De novo, retornemos ao ponto. Sem sequer avaliar as consequências de se utilizar um substantivo (tirano) para ocupar o lugar de um adjetivo, é sempre bom recordar a questão do realce, que se dá de forma irregular, não “pela fusão do particular com o universal (adjetivação), mas pelo encadeamento mecânico de particular com particular (substantivação composta). A predicação se efetua obscuramente na inteligência sob a ação catalítica de um simbolismo ainda insatisfatório.” (MARQUES, 1957, p. 56).⁴

⁴ Recupero aqui a análise de Osvaldino Marques a propósito de construções de Guimarães Rosa. O que julgo mais interessante realçar é que Édipo, antes substantivo, tornou-se em nossa cultura um adjetivo quase: “complexo de Édipo”, é um exemplo da mudança de categoria, agora Édipo é um restritivo para um complexo.

Eis, portanto, a dificuldade de tradução dos textos sofoclianos: eles se constroem projetando múltiplos desdobramentos que se podem vislumbrar com a observação lexical de um dos componentes da expressão *Oιδίπους τύρρανος*. Sutilezas desse teor se avolumam por toda a peça de modo magnífico. Sófocles rege suas falas sob a norma da insolubilidade dos sentidos, um *tópos* fértil que permite inclusive a assimilação entre a ficção e a realidade, de modo a cancelar “a função positiva da ficção” que se traduz “no domínio da filosofia, no fato de as ficções deixarem de ter um papel marginal, de exemplos que por contraste indicam a realidade, para passarem a constituir-se como ideias reguladoras” (LOPES, 2003, p. 165).

Seria bom que a peça sofocliana fosse uma ideia reguladora para nossa governança... Seria porque, perguntariam alguns, queremos governantes espertos, astutos decifradores de enigmas, zorros redentores? Claro que não, o atributivo para Édipo lhe é repugnante. O filho de Jocasta afirma:

ἀνὴρ γὰρ ἐν δειπνοῖς μὲν ὑπερπλησθεὶς μέθη
καλεῖ παρ’ οἴῳ, πλαστὸς ὡς εἶην πατρί.

Foi um *tresfartado* chapado homem, que, ébrio,
me tachou de zorro, assim, por parte de pai.

Como se vê, na tradução desses dois versos – com *πλαστὸς* por zorro⁵ –, se entramos no terreno da ficção, da analogia, metáfora, da ilusão, há muito de verdade no que diz Sófocles em relação a todo e qualquer governante. As verdades ali expostas vão nos ajudar a compreender nosso tempo, nosso país, nossa pandemia. Digamos, com base no trecho citado, que o Édipo sofocliano é um governante possível

⁵ Isto sem contar alguns cognatos os quais cito a partir do *Aulete Digital*: zorra: (*zor.ra*) [ô] sf. 1. Bras. Gír. Local em que impera a falta de ordem; BAGUNÇA; DESORDEM; ZONA 2. Bras. Gír. Transtorno, perturbação da ordem; CONFUSÃO; TUMULTO; ZONA 3. Veículo baixo e resistente, us. para carregar coisas pesadas. 4. Peça de tronco ou madeira puxada por animal e us. nas matas e na lavoura para arrastar cana-de-açúcar. **Zurra** s. f. || (prov. port.) o mesmo que surra; sova; pancadas. F. alter. de Surra. **Zurrapa** (*zur.ra.pa*) sf. 1. Vinho avinagrado ou de má qualidade.; ÁGUA-PÉ; JALAPA; JEROPIGA; MORRAÇA 2. P.ext. Qualquer bebida com sabor ruim. a2g. 3. De baixa categoria; ORDINÁRIO; RELES: “Mais tarde o encontrei num café zurrapa no Largo da Lapa...” (Ary Barroso, *Camisa amarela*) [F.: De or. contrv.]

para o Brasil hoje; não é uma simples ficção, não rasura o que estamos assistindo acontecer no nosso país. Distinto dos discursos que vemos, ouvimos e lemos no jornalismo, tratado como um “clássico” de todos os tempos, *Édipo* tem seu realismo intrínseco: é tragédia viandante e resiliente desde o século V a.C., de Atenas até os mais inesperados recessos, e é tanto mais realista quanto mais atentamos para aquilo que a separa dos outros tipos de discurso cotidianos ordinários. Além disso, vale lembrar que

a literatura resulta de uma imensa passibilidade, a capacidade de se deixar afetar por todas as coisas vivas do mundo e de lhes responder. É nesse sentido que podemos dizer que ela é experiência. Não um acontecimento vivido no presente da presença, mas algo que, sem se eximir ao perigo da experiência, a transporta para as palavras como significância, um sentido ausente, uma inquietação, além de todo o cálculo. (LOPES, 2003, p. 166)

Acrescento ademais que *Édipo* é literatura e é teatro (que aqui será traduzido como tal) e nessa condição é experiência e acontecimento vivido com dupla força. Por isso, o que oferecemos, mera tradução, visa a reafirmar a importância de se ler, traduzir e encenar as tragédias áticas no século XXI, do lado hispano-americano do mundo.

Paradigma para enfrentamento de uma crise profunda humanitária, sanitária, política, social e moral, *Édipo*, o zorro, por esperteza, ciência política ou mesmo néscia sinceridade, se mostra um governante zeloso na abertura da peça. A primeira fala de *Édipo*:

Οιδίπους

ὦ τέκνα, Κάδμου τοῦ πάλαι νέα τροφή,
 τίνας ποθ' ἔδρας τάσδε μοι θοάζετε
 ἰκτηρίους κλάδοισιν ἐξεστεμμένοι;
 πόλις δ' ὁμοῦ μὲν θυμιαμάτων γέμει,
 ὁμοῦ δὲ παιάνων τε καὶ στεναγμάτων·
 ἀγὼ δικαίων μὴ παρ' ἀγγέλων, τέκνα,
 ἄλλων ἀκούειν αὐτὸς ὧδ' ἐλήλυθα,
 ὁ πᾶσι κλεινὸς Οἰδίπους καλούμενος.
 ἀλλ' ὦ γεραῖέ, φράζ', ἐπει πρέπων ἔφυς

Édipo

Ô filhados! Prole nova do velho Cadmo,
 me vens cá sentar, joelhos dobrados,
 coroados, ramos suplicantes, por quê?
 A cidade toda respira incensadas, cá e
 lá, tudo aspira cantoria e gemeria!
 Guio-me, filhados, não por notícias de
 outros; reto sou, vim cá aferir, eu mesmo,
 o brioso Édipo por todos conclamado.
 Então, velho, diz, talhado foste para

πρὸ τῶνδε φωνεῖν, τίνι τρόπῳ καθέστατε,
δείσαντες ἢ στέρξαντες; ὡς θέλοντος ἄν
ἐμοῦ προσαρκεῖν πᾶν· δυσάλγητος γὰρ ἄν
εἶην τοιάνδε μὴ οὐ κατοικτίρων ἔδραν.

litigar por estes, que baque vos vergou,
temor ou fervor? Quero, se posso, de mim
mesmo em tudo ajudar! Indolente seria se
não me condoesse por tal prostração.

Sófocles, *Oιδίπους τύρρανος*, v. 1-13

Ansiando estar ciente dos problemas, o comandante Édipo zorro se põe em ação. Nada de inusitado, espera-se que um bom governante seja sensível aos problemas básicos de seu povo – a menos que ele tenha sua base de sustentação deformada antes ou depois de assumir a liderança e nem consiga andar direito.

O Édipo de Tebas, mesmo sofrendo de inchaços nos pés, é diligente; busca em primeiro lugar consultar o oráculo (fica bem a piedade na política). Seu cunhado (e tio, por parte de sua esposa e mãe), Creonte, emissário enviado, é recebido de volta com boa disposição. Édipo, pública e abertamente, após o relato da verdade sugerida pelo áugure de Apolo no templo, acata suas orientações.

Por duas vezes Creonte vem à cena. Na segunda entrada, quando sua fala repercute em torno de suspeitas a respeito do passado e do assassinato de Laio, Édipo acusa-o de traição. Vejamos então os trechos da fala de Édipo após as primeiras declarações de Creonte (v. 84-100):

Οιδίπους

τάχ' εἰσόμειθα· ζύμμετρος γὰρ ὡς κλύειν.
ἄναξ, ἐμὸν κήδευμα, παῖ Μενουκίεως,
τίν' ἤμιν ἤκεις τοῦ θεοῦ φήμην φέρων;

Κρέων

ἐσθλήν· λέγω γὰρ καὶ τὰ δύσφορ', εἰ τύχοι
κατ' ὀρθὸν ἐξελθόντα, πάντ' ἄν εὐτυχεῖν.

Οιδίπους

ἔστιν δὲ ποῖον τοῦπος; οὔτε γὰρ θρασὺς
οὔτ' οὐδ' προδείσας εἰμὶ τῷ γε νῦν λόγῳ.

Κρέων

εἰ τῶνδε χρήζεις πλησιαζόντων κλύειν,
ἔτοιμος εἶπείν, εἶτε καὶ στείχειν ἔσω.

Édipo

Já saberemos! À beira de ouvir, sim!
Major! Cunhado meu, filho do Meneceu,
que luzeiro divino nos chegou trazendo?

Creonte

Alvissaras! Conto as desgraças também; se
tens sorte, elas se vão, tudo acaba bem.

Édipo

Eita! Que réplica é essa?! Estimulado, nem
sequer intimidado fico, com esta dupla conta.

Creonte

Se podes ouvi-las perante este auditório,
posso dizer; vamos para dentro, acaso...

Οιδίπους

ἐς πάντα αὔδα· τῶνδε γὰρ πλέον φέρω
τὸ πένθος ἢ καὶ τῆς ἐμῆς ψυχῆς πέρι.

Κρέων

λέγοιμ' ἂν οἷ' ἤκουσα τοῦ θεοῦ πάρα.
ἄνωγεν ἡμᾶς Φοῖβος ἐμφανῶς ἄναξ
μίασμα χώρας, ὡς τεθραμμένον χθονὶ
ἐν τῆδ', ἐλαύνειν μηδ' ἀνήκεστον τρέφειν.

Οιδίπους

ποιῶ καθαρμῶ; τίς ὁ τρόπος τῆς ξυμφορᾶς;

Κρέων

ἀνδρηλατοῦντας ἢ φόνω φόνον ἅλιν
λύοντας, ὡς τόδ' αἷμα χειμάζον πόλιν.

Édipo

Alardeia pra todos! Levo comigo a mor dor
por estes, sim, maior até que meu respiro.

Creonte

Hei, pois, de contar o que junto do deus ouvi.
O brilhante Febo, cristalino, nos manda, major,
a corrupção plantada neste chão, sem mais
nutri-la de modo incurável, daqui expurgar.

Édipo

Como assim, expurgar? Que cara a desgraça
tem?

Creonte

Por exílio. Por sangria que libera sangria
de volta. Do sangue que breou a cidade.

Acostumado com discursos políticos ambíguos, o rei de Tebas encurta a conversa e vai direto ao ponto: exige de Creonte uma fala sem duplos sentidos, não sem dar ao pronunciamento um toque de demagogia, que, na boca do bom Édipo zorro, é notável: “Diga-se à frente de todos a verdade!”. De resto, Édipo nada tem a esconder... Ou tem? Pior, mesmo, é que tem, já que ele nem sabe bem que é. Não vê o mal que grassa, ignora o necessário para erradicar a peste. Creonte falou claramente. Explicou o crime de Laio etc. e tal. Não vou expor toda a conversa, exibo somente a reação de Édipo ao fim da compelação (v. 132-146).

Οιδίπους

ἀλλ' ἐξ ὑπαρχῆς αὔθις αὐτ' ἐγὼ φανῶ·
ἐπαξίως γὰρ Φοῖβος, ἀξίως δὲ σὺ
πρὸ τοῦ θανάτου τῆνδ' ἔθεσθ' ἐπιστροφήν·
ὥστ' ἐνδίκως ὄψεσθε κάμει σύμμαχον
γῆ τῆδε τιμωροῦντα τῷ θεῷ θ' ἅμα.
ὑπὲρ γὰρ οὐχὶ τῶν ἀπωτέρω φίλων,

Édipo

Ok, de novo, *ab ovo*, vou tudo desvendar!
Febo é fidedigno e digno és tu,
Pelo morto, esta tal reviravolta se fará!
Assim, com justiça, há de ver-me aliado,
honrando esta terra e ao deus também.
Dissiparei – não por amigos distantes,

ἀλλ' αὐτὸς αὐτοῦ τοῦτ' ἀποσκεδῶ μύσος.
 ὅστις γὰρ ἦν ἐκεῖνον ὁ κτανών, τάχ' ἄν
 κάμ' ἄν τοιαύτη χειρὶ τιμωροῦνθ' ἔλοι.
 κείνῳ προσαρκῶν οὖν ἐμαυτὸν ὠφελῶ.
 ἀλλ' ὡς τάχιστα, παῖδες, ὑμεῖς μὲν βάρθρων
 ἴστασθε, τοῦσδ' ἄραντες ἰκτῆρας κλάδους,
 ἄλλος δὲ Κάδμου λαὸν ὧδ' ἀθροίζετω,
 ὡς πᾶν ἐμοῦ δράσοντος· ἦ γὰρ εὐτυχεῖς
 σὺν τῷ θεῷ φανούμεθ' ἢ πεπτωκότες.

mas por mim mesmo – esta abominação.
 Quem quer que seja o matante, que de pronto
 e com a mesma mão penal, a mim agrida.
 Remindo o outro, a mim mesmo me salvo.
 Ok, moçada, sus, erguei-vos dos degraus,
 suspendei estes ramos suplicantes
 e reúna alguém, então, o povo cadmeu,
 que eu tudo arranjo! Ou bem acabamos,
 brilhantes junto ao deus, ou nos acabamos.

Discurso ufanista sem dúvida, a promessa é que a cidade será grande outra vez. Entretanto, a segunda vinda de Creonte fará surgir em cena um outro Édipo. Antes, porém, entra na ação o adivinho Tirésias, que, coagido, entrega, de chofre, nas mãos do zorro, toda a verdade e em troca recebe ofensas exacerbadas. Num negacionismo absoluto, Édipo esbraveja, acusa Tirésias de estar mancomunado com Creonte e expulsa o velho vate da cidade (v. 380-390 e v. 445-446).

Οἰδίπους

ὦ πλοῦτε καὶ τυραννὶ καὶ τέχνῃ τέχνης
 ὑπερφέρουσα τῷ πολυζήλῳ βίῳ,
 ὅσος παρ' ὑμῖν ὁ φθόνος φυλάσσεται,
 εἰ τῆσδέ γ' ἀρχῆς οὐνεχ', ἦν ἐμοὶ πόλις
 δωρητόν, οὐκ αἰτητόν, εἰσεχειρίσεν,
 ταύτης Κρέων ὁ πιστός, οὐξ ἀρχῆς φίλος,
 λάθρα μ' ὑπελθὼν ἐκβαλεῖν ἱμεῖται,
 ὑφεῖς μάγον τοιονδε μηχανορράφον,
 δόλιον ἀγύρτην, ὅστις ἐν τοῖς κέρδεσιν
 μόνον δέδορκε, τὴν τέχνην δ' ἔφω τυφλός.
 ἐπεὶ, φέρ' εἶπέ, ποῦ σὺ μάντις εἶ σαφής;

Οἰδίπους

κομιζέτω δῆθ' ὡς παρὼν σὺ γ' ἐμποδὼν
 ὀχλεῖς, συθείς τ' ἄν οὐκ ἄν ἀλγύνεις πλέων.

Édipo

Ô poder, tesouro e *insuperada* manha
 de artimanha, quanta inveja vos aguarda,
 orra, por uma mega invejável vida!
 Acaso foi por causa do poder que a mim
 cedido – sem pedido – a cidade em mãos
 deixou? Por ele, o fiel Creonte sempre amigo
 me vem escondido com cobiça emboscar,
 sotoposto um tal trapaceiro *maracutaio*
 pedinte embusteiro, que só visa a bolsa,
 ele, o cego para seu ofício nascido.
 Aí, vai, diz, em que és sagaz, cigano?

Édipo

Circulando, anda! Que presente, estorvo,
 atravancas; partindo não me feres mais.

Os rechaços sucessivos deixam Édipo cada vez mais solitário. A peça transcorre e a pergunta inicial da esfinge retorna do abismo profundo de sua interioridade.

Eis que um subalterno diz ao protagonista de modo claro, sem subterfúgios, o que as autoridades antecedentes tentaram, sem sucesso, mostrar: você, Édipo, assumiu um cargo que não lhe competia assumir, com isso provocou uma zorra total em Tebas e, decorrente de tudo (matar o antecessor, seu pai, aquele que o fez nascer para a política dos homens e dos deuses), misturou-se com sua mãe, trouxe para o poder toda a família – incesto político – essa é a sua verdadeira situação.

Édipo, então, toma posse da sua verdadeira identidade – cena cruel –, descobre que é filho legítimo de Laio e Jocasta, que é um banido dos deuses. Lúcido, examina-se e se reconhece como o salvador de outrora e, ao mesmo tempo, o causador dos males atuais. Participe do bem e do mal, ele assume-se filho e marido a um só tempo e assassino do rei antecessor, seu pai.

Θεράπων

δύστηνος, ἀντι τοῦ; τί προσχρηζῶν μαθεῖν;

Οιδίπους

τὸν παῖδ' ἔδωκας τῷδ' ὃν οὗτος ἱστορεῖ;

Θεράπων

ἔδωκ', ὀλέσθαι δ' ὄφελον τῆδ' ἡμέρα.

Οιδίπους

ἀλλ' εἰς τόδ' ἤξει, μὴ λέγων γε τοῦνδικον.

Θεράπων

πολλῶ γε μάλλον, ἦν φράσω, διόγλυμαι.

Οιδίπους

ἀνὴρ ὃδ', ὡς ἔοικεν, ἐς τριβὰς ἐλᾶ.

Θεράπων

οὐ δῆτ' ἔγωγ', ἀλλ' εἶπον, ὡς δοίην, πάλαι.

Οιδίπους

πόθεν λαβόν; οἰκεῖον ἢ ἕξ ἄλλου τινός;

Θεράπων

ἐμὸν μὲν οὐκ ἔγωγ'· ἐδεξάμην δέ του.

Servo

Infeliz! Pr'onde vais? Pra que anseias saber mais?!

Édipo

O menino que este atesta, deste para ele?

Servo

Dei e, se pudesse naquele dia me escafedia.

Édipo

Chegarás a isso, não dizendo a coisa bem exato.

Servo

Muito mesmo demais me consumo, se falo.

Édipo

Este homem, parece, enrola o tempo.

Servo

Não mesmo, j'agorinha disse que tinha dado!

Édipo

Tirando donde? De casa ou de um outro?

Servo

De mim mesmo é que não! Recebi de um.

Οιδίπους

τίνος πολιτῶν τῶνδε κάκ ποίας στέγης;

Θεράπων

μη πρὸς θεῶν, μή, δέσποθ', ἰστόρει πλέον.

Οιδίπους

ὄλωλας, εἴ σε ταῦτ' ἐρήσομαι πάλιν.

Θεράπων

τῶν Λαῖου τοῖνον τις ἦν γεννημάτων.

Οιδίπους

ἦ δοῦλος, ἦ κείνου τις ἐγγενῆς γεγώς;

Θεράπων

οἴμοι, πρὸς αὐτῷ γ' εἰμι τῷ δεινῷ λέγειν.

Οιδίπους

κάγωγ' ἀκούειν· ἀλλ' ὅμως ἀκουστέον.

Θεράπων

κείνου γέ τοι δὴ παῖς ἐκλήζεθ'· ἦ δ' ἔσω
κάλλιστ' ἂν εἴποι σὴ γυνὴ τὰδ' ὡς ἔχει.

Οιδίπους

ἦ γὰρ δίδωσιν ἦδε σοι;

Θεράπων

μάλιστ', ἄναξ.

Οιδίπους

ὡς πρὸς τί χρείας;

Θεράπων

ὡς ἀναλώσαιμί νιν.

Οιδίπους

τεκοῦσα τλήμων;

Θεράπων

θεσφάτων γ' ὄκνω κακῶν.

Οιδίπους

ποίων;

Θεράπων

κτενεῖν νιν τοὺς τεκόντας ἦν λόγος.

Οιδίπους

πῶς δῆτ' ἀφῆκας τῷ γέροντι τῷδε σύ;

Édipo

De qual destes cidadãos e de que teto?

Servo

Não, pelos deuses, não, senhor, não procures!

Édipo

Estás perdido, se te pergunto isso de novo.

Servo

Dos de Laio, isso, um dos nascidos.

Édipo

Doméstico ou um da família dele nascido?

Servo

Ô eu, dizer e, pronto, tô na tábuia da beirada.

Édipo

E eu, ouvir e... Mas que se ouça!

Servo

Dele, isso mesmo, filho chamado! Mais é a lá de dentro, a mulher tenente tua que melhor dirá.

Édipo

Então ela mesma te deu?

Servo

Sim, major.

Édipo

Mas por qual urgência?

Servo

Pra se livrar dele.

Édipo

Parida e perdida!

Servo

Assombrada por desditos ditos.

Édipo

Quais?

Servo

“Ele há-de-matar os genitores!”, era dito.

Édipo

Assim, então, despachaste, para este velho?

Θεράπων

κατοικτίσας, ὃ δέσποθ', ὡς ἄλλην χθόνα
δοκῶν <σφ'> ἀποίσειν, αὐτὸς ἐνθεν ἦν· ὁ δὲ
κάκ' εἰς μέγιστ' ἔσωσεν. εἰ γὰρ οὗτος εἶ
ὄν φησιν οὗτος, ἴσθι δύσποτος γεγώς.

Οἰδίπους

ιοὺ ἰού· τὰ πάντ' ἄν ἐξήκοι σαφῆ.
ὃ φῶς, τελευταῖόν σε προσβλέψαμι νῦν,
ὅστις πέφασμαι φύς τ' ἀφ' ὧν οὐ χρῆν, ξὺν
οἷς τ'
οὐ χρῆν ὀμιλῶν, οὓς τέ μ' οὐκ ἔδει κτανῶν.

Servo

Condoído, ô chefe, pra outra parte achava
poder mandar, fosse ele indo pra lá!
E ele, pra desgraça, o roupou. Se pois és
o tal que este diz, sabe que nasceste fadado.

Édipo

Euô, éo! Tudo 'stá claro, que seja!
Ô luz, que agora por fim te vejo, este que sou,
nato depois de gerado dos que não devia, que
com eles juntar não devia e a eles matar não
podia.

Sófocles, *Oιδίπους τύρρανος*, vv. 1155-1185

Ponto alto da peça, o rei de Tebas se vê nu! Primorosa cena de reconhecimento aplaudida por Aristóteles e todos seus sucessores. Mas, a partir de então, que fará Édipo? Após a assunção da culpa, da responsabilização pelo insucesso da cidade na luta contra a peste, após a autopunição, Édipo faz o que faria qualquer governante bem-intencionado: renuncia (v. 1521).

Οἰδίπους

ἄπαγέ νύν μ' ἐντεῦθεν ἦδη.

Édipo

Me leva, já, pra longe daqui!

Eis, presumo, um bom motivo para se ler o *Édipo*, ele é um bom paradigma de governante, pelo menos soube se ver e enxergar seus defeitos para o combate ao flagelo. Após tomar ciência sobre si, renunciou e deixou o cargo, cumpriu o desígnio dos deuses. A cidade sobreviveu até enfrentar – mais tarde – a fúria de Antígona, um outro Édipo vestido de saia. Mas isso é ponto para outro texto.

Encerrando a conversa, confesso que, de quarentena, doze horas ou mais em frente da telinha do *laptop*, num passeio internáutico, assisti a uma conferência de Antoine Compagnon, “Un monde en transitions: de 2020 vers 2050”,⁶ tema muito assustador, por sinal. Compagnon

⁶ “Un monde en transitions: de 2020 vers 2050”: https://www.youtube.com/watch?v=2hua_GPqZqM&t=4140s

compartilha conosco a inquietação de uma verdadeira tragédia: como inovar nos estudos literários – pois a voz de comando do mundo contemporâneo é a maximização do lema modernista “viva o novo, o célere, o prático”? Como corresponder a um sistema que faz da tecnologia a “menina dos olhos” científicos?

A pergunta se faz mais crítica e pungente quando pensamos na área de estudos clássicos. Carece renovar Homero, renovar as tragédias, carece reinventar o ovo? Alguns dirão decerto que não e, com esse postulado, afirmarão que urge uma adaptação, urge estudar outras coisas: “Que tal recepção dos clássicos?”

Mas, nos estudos clássicos, como também nos estudos literários de modo geral, desde sempre, o percurso se faz na manutenção, na acumulação, na erudição – com uma pitada de novas interpretações auferidas pelo tempo e espaço de cada um – para a elaboração da mimese, a *imitatio*, regra de ouro da literatura clássica: variar com os elementos de sempre.

Originalidade, diz Compagnon, não é inovação nem mera invenção (entendida como motor da evolução social). Um gênio é aquele que encontra uma nova combinação de elementos velhos como o mundo. Digamos, então: invenção é uma imitação original. E, embora com o modernismo tenha se consolidado uma “superstição da qual não podemos nos desvencilhar, o culto do novo”, uma “busca do surpreendente e do impactante”; embora já estejamos vivendo o pico da “religião do novo com sua estética fundada no choque”, à caça da “beleza surpreendente”, acabamos por constatar que nossas preocupações seguem bem representadas pelo estilo trágico. “Uma sociedade trágica é o que somos”. Curtimos a “novidade efêmera”, as “novidades mais radicais” e vivemos a “*bêtise du progress*”, que a cada ano se aprimora tecnologicamente e que gera um novo conceito, a obsolescência programada.

Todavia, a literatura ensina que a arte não morre, ela permanece como o Édipo, que, num país tropical da América Latina, deveria ser conhecido a fundo por governantes e pelo povo governado. A arte do presente desvaloriza a do passado, mas o passado volta com os artistas que estão à frente de seu tempo e que insemniam a cultura vigente pelo passado.

Referências

COMPAGNON, Antoine. “Un monde en transitions: de 2020 vers 2050”. ESSEC Business School. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2hua_GPqZqM&t=4140s. Acesso em: 30 abr. 2020.

FARIA, Ernesto (org.). *Dicionário Escolar Latino-Português*. Brasil: Ministério da Educação e Cultura/Departamento Nacional de Educação/Campanha Nacional de Material de Ensino, 1962.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. Revised and Augmented Throughout by Sir Henry Stuart Jones with the Assistance of Roderick McKenzie. Oxford: Clarendon Press, 1940.

LOPES, Silvina Rodrigues. Literatura e circunstância. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 162-171, 2003.

MARQUES, Oswaldino. *A seta e o alvo*. São Paulo: Instituto Nacional do Livro, 1957.

SOPHOCLES. *Oedipus Rex*. Ed. R. D. Dawe. Revised Edition. Cambridge: University Press, 2006.

ROSA, João Guimarães. “Se eu seria personagem”. In: _____. *Tutaméia*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1976. p. 138-141.

Recebido em: 21 de agosto de 2020.

Aprovado em: 28 de agosto de 2020.